

CARTILHAS PELA NATUREZA

Edição Especial
2016



VOLUMES
1, 2 e 3



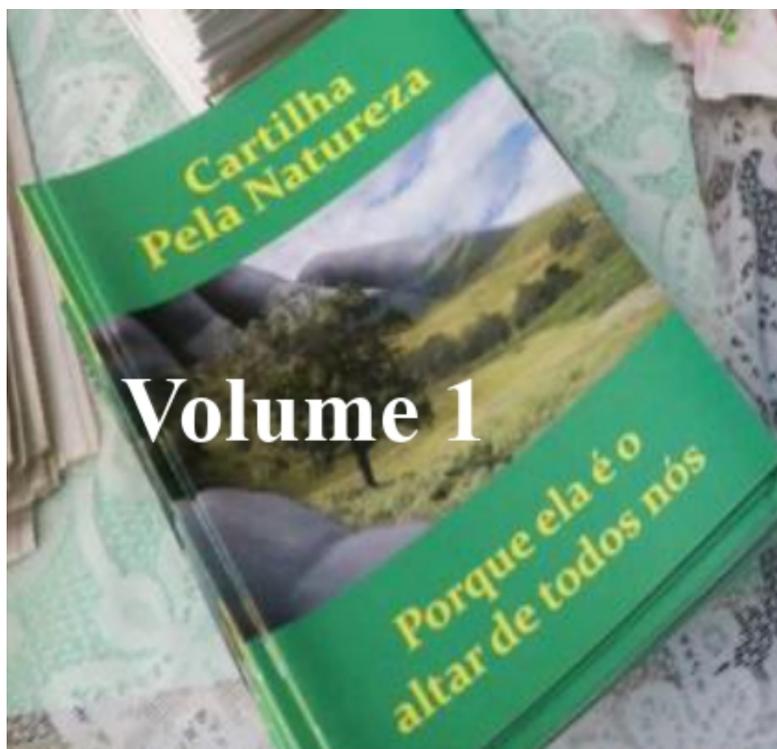


As Cartilhas pela Natureza da FAUERS vem sendo lançadas em parceria com apoiadores do movimento de conscientização ambiental afroumbandista e espiritualista. O material contribui com reflexões sobre a prática da oferenda reverenciando o princípio da vida: o natural, a natureza - nossa inspiração para cuidar e agradecer. Acreditamos que a manifestação da fé e do respeito religioso deva ser ecológica, com responsabilidade e sustentabilidade para nossa religião e para o meio ambiente. Buscamos pelo conhecimento sobre as consequências e efeitos de nossas ações e aprimoramos nossa prática social.

A FAUERS convida a todos para o debate sobre as condições em que se encontra a Natureza - *o altar de todos nós* - sem a qual não há sentido na vida. O equilíbrio que encontramos nela, que é exemplo de harmonia, nos ensina a possibilidade de conviver no meio ambiente, com a natureza, com as outras pessoas e conosco mesmos, unindo reverência, progresso material e espiritual, tecnologia, sem descuidar da preservação.

Este material compila as três cartilhas pela Natureza já publicadas atualizando este debate. A 1ª Cartilha reforça o direito, continuidade e desenvolvimento sadio da crença nos Guias, Orixás, Caboclos; A 2ª Cartilha complementa os temas abordados ilustrando a profundidade e beleza da crença com uma lenda da mitologia africana; A 3ª Cartilha mostra na prática como é possível aliar fé e ação conjunta pela natureza irmanados num objetivo comum.

Axé! Saravá! Everton Alfonsin – Presidente Ano 2016



Dentro do imaginário popular as religiões afro umbandistas e espiritualistas são tidas como primitivas, exóticas e até satânicas. O desconhecimento e a falta de informação faz com que o preconceito se estabeleça alimentando o racismo, a intolerância, a xenofobia, a ponto de provocar violências. Este, certamente, não é o objetivo da religiosidade. É preciso interagir de forma harmônica com a natureza e na sociedade. Para que percebam nossos rituais religiosos de forma correta e respeitosa, construímos esta cartilha, com o objetivo de informar e movimentar a reflexão da comunidade religiosa e em geral quanto a prática da oferenda que, também, se apresenta pelos espaços das cidades. Há muita beleza e simplicidade em uma oferenda, e há distorções que devem ser suprimidas, pois o fundamento religioso está na preservação e no respeito ao sagrado da vida.

Tradição, Ancestralidade & Modernidade

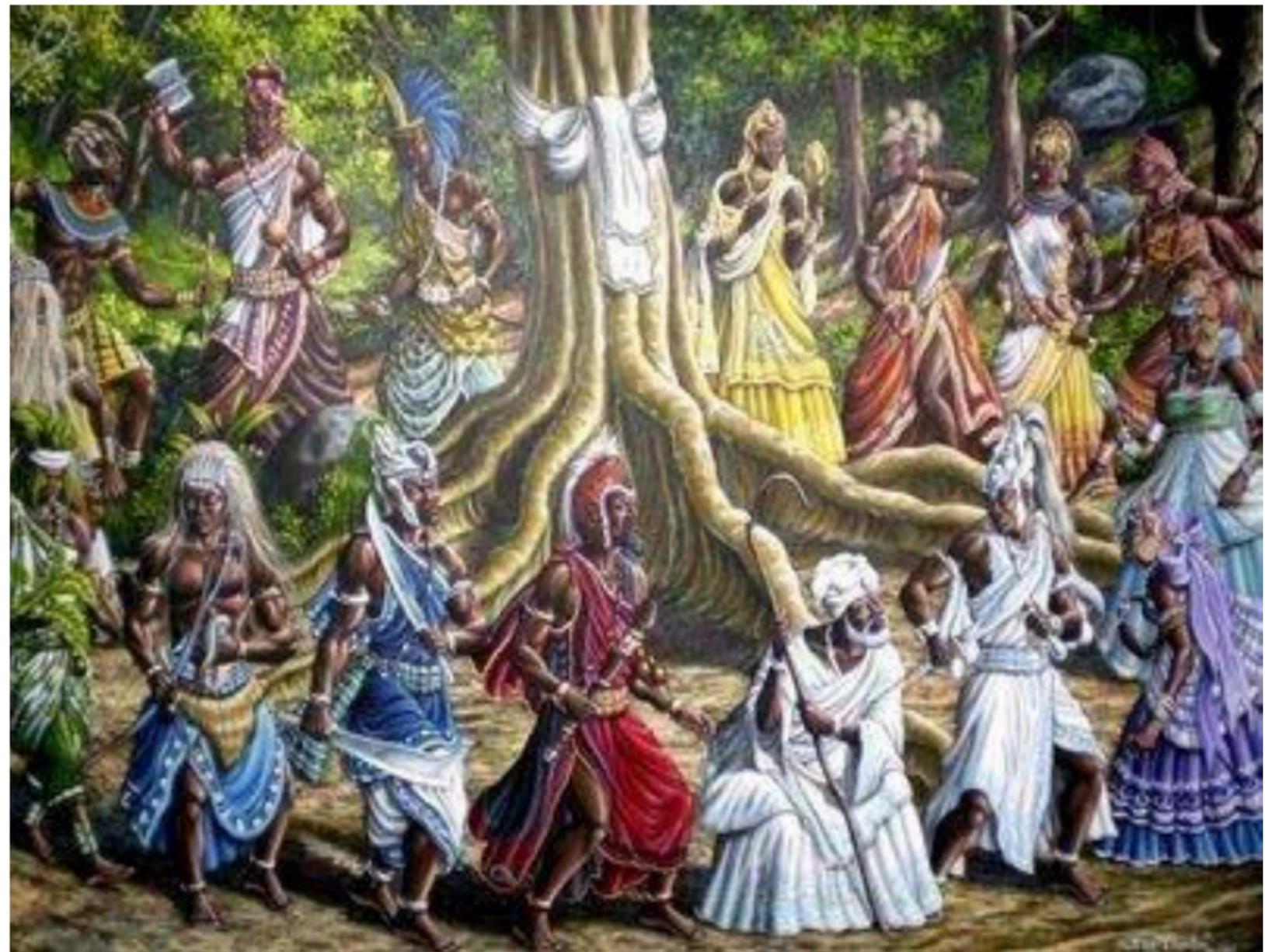
A tradição ancestral de transmissão do conhecimento pela oralidade é o recurso cultural no perpetuamento da tradição. Ligada a memória combina conteúdo moral e emocional com ritual. Desta forma os guias passaram seus ensinamentos para nossos antepassados, e estes, por sua vez, foram repassando para seus sucessores, até chegarem aos dias de hoje.



Porém, no atual momento, não está mais sendo possível ficarmos restritos aos ensinamentos dentro dos terreiros. Com o avanço da modernidade várias conjunturas na sociedade estão interferindo nos rituais e contribuindo para a inovações. As questões do som dos tambores, do uso dos materiais, dos espaços para oferendas, dos locais para homenagens nos reinos de nossos Orixás, estão obrigando a religiosidade a rever muitos de seus usos e costumes.

Ampliam-se os debates necessários para o fortalecimento do direito, continuidade e desenvolvimento sadio de nossa religiosidade. O patrimônio cultural afro-brasileiro na crença nos Orixás e nos Caboclos, que incorpora ritos africanos e indígenas, tem a dimensão ritualística constituída pelo fluxo de energia vital, que lhe dinamiza o processo, que possibilita a presença no mundo. **Axé** é energia mágica, universal, sagrada, cuja força pode aumentar ou diminuir. Essa variação está relacionada com a atividade e conduta ritual.

A força do Axé é contida e transmitida através de elementos representativos dos reinos da natureza: animal, vegetal e mineral, quer sejam da água doce ou salgada, do ar, da terra, da pedreira, da floresta. Reinos estes, hoje, incorporados pelo espaço urbano.



O universo dos terreiros assume o caráter de um mundo criado num tempo sagrado, ordenado e regido pela divindade. Fazendo parte de nosso cotidiano, está no dia-a-dia da existência, no fluxo da vida, em cada acontecimento social, familiar, de saúde, trabalho ou manifestações, por menor que sejam; na natureza estão presentes nas forças que andam entre as árvores, que estão no ar, que habitam as águas, que moram entre as pedras...



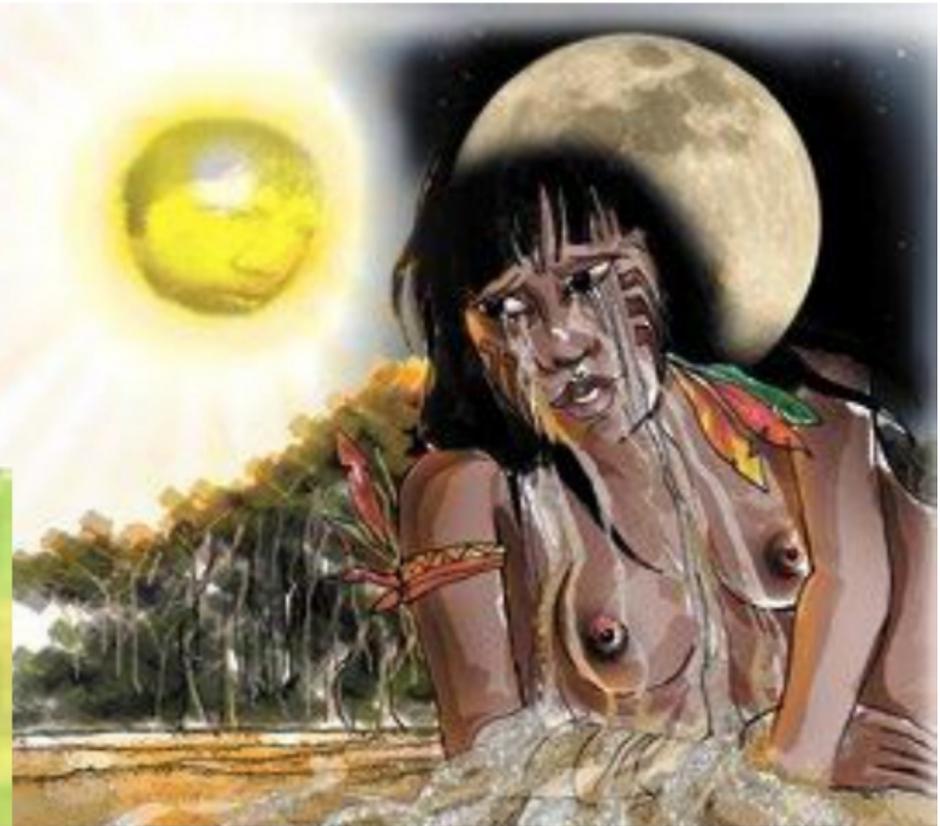
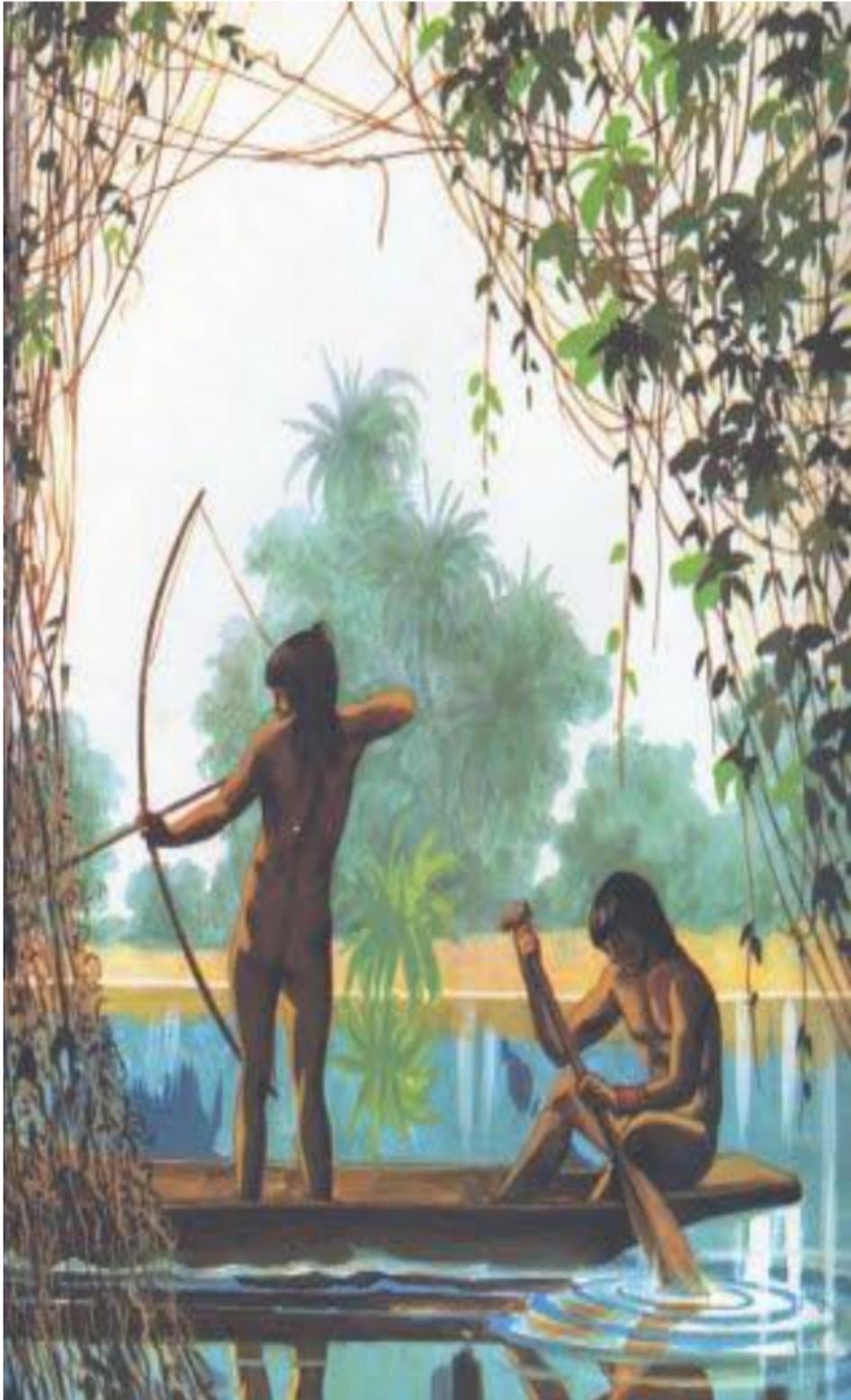
A natureza, verdadeiro habitat dos Caboclos, para muitos o próprio Orixá, é o espaço sagrado dos terreiros.

Necessitamos manter o respeito e o cuidado herdado dos africanos, dos indígenas e demais ancestrais, que sempre tiveram uma relação harmônica com a totalidade dos seres vivos e inanimados.

As energias interagem umas com as outras, e, unidas, formam uma ligação, criam uma corrente extremamente potente, formando uma rede de Axé, a quais devemos cultivar, habitar, tomar conta, criar, preservar. E com as quais devemos aprender o que é conviver na diversidade.



As lendas brasileiras, surgidas a partir das histórias indígenas, referem-se à flora e fauna da região, pois segundo seus costumes e crenças, tanto as plantas como os animais, os rios, os igarapés, os lagos, as cachoeiras e o mar, possuem os seus protetores, que exigem respeito, temor e amor.



Porém, nós vivemos uma relação de exploração econômica destes reinos, a tal ponto que, se não mudarmos nossas atitudes, beiramos a destruição. No atual contexto, torna-se necessário rever nossa ação individual e como um todo. A religiosidade deve ser agente gerenciador deste ecossistema, onde o religioso, vendo-se como parte integrante da natureza, cuide do legado deixado pelos seus antepassados e seja responsável pela manutenção e proteção deste meio. É uma necessidade global, é uma necessidade local.

Um exemplo de destruição citamos a situação atual das águas de Oxum e de Iara. Seu nível vibratório está prejudicado pelos nossos atos destrutivos. Considerado elemento vital, no entanto, muito rapidamente, vem deixando de ser sadia.



Outro exemplo é a mata de Oxóssi, tombada, transformada em arranha-céu de cimento, recebe queimadas cujas fumaças, somadas as das chaminés e dos canos de descargas, impregnam de poluição o reino de Ossaim, Iansã, Oxumaré...

Matas e águas estão sendo eliminadas, extintas, abafadas,...
Estamos avaliando as consequências?



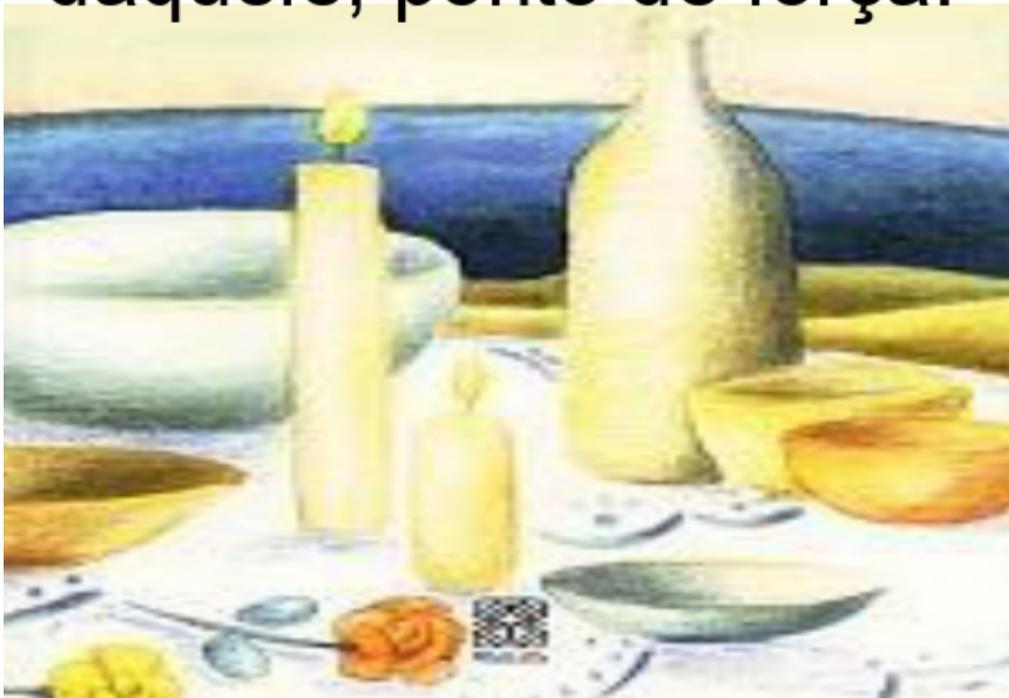
Refletindo ainda sobre as questões dos espaços fora do terreiro para as oferendas é importante verificar que, ao ser escolhido, no ponto de vista do afro-umbandista, o local possui um simbolismo: o de pertencimento religioso pela presença da divindade no lugar. No momento da entrega da oferenda o espaço deixa de ser profano, isto é, perde seu caráter de cotidiano adquirindo qualidades de lugar religioso.



Porém, não deixa de ser um espaço civil. Findando o ato da oferenda o lugar religioso volta a ser um local de uso comum, pois é o religioso que o qualificou como sagrado, naquele tempo. E como sagrado ele deve ser mantido com cuidado. Após o ritual não devem ser deixados resíduos que prejudiquem seu estado natural.

Na crença afroumbandista o rito das oferendas são trocas que equilibram as relações, que possibilitam a expansão da consciência, proporcionando assim um crescimento na busca da evolução. Nesta troca sadia que envolve vegetais, animais, minerais e seres humanos, exercita-se a transformação como princípio dinâmico da vida.

Oferendar, como forma de manifestar a ligação com as divindades, é oferecer, agradecer, presentear, louvar, pedir, conservando e cuidando, naquele, e daquele, ponto de força.



Mas o que acontece com todos esses presentes que oferecemos aos guardiões e donos da natureza? Torna-se importante reunir os saberes tradicionais com os conhecimentos ecológicos que envolva os resíduos religiosos provenientes das oferendas. Reunir diálogo e respeito entre as diversidades cultural e ambiental resulta em práticas sustentáveis alinhadas com o sagrado ancestral e com a necessidade urgente de cuidado com os recursos naturais.



As questões ritualísticas ocorrem conforme as correntes religiosas derivadas de linhas tradicionais e não deverão ser abordadas nesta cartilha. As recomendações são para que seja observado, com bom senso, o uso de materiais biodegradáveis e a adequada disposição final dos resíduos utilizados, com a reciclagem dos materiais, o cuidado com o uso do fogo, do vidro, entre outros itens. Não podemos deixar transformar a reverência em desrespeito.

Somos zeladores de nossa religião e devemos estar atentos, pois aqueles que não são adeptos, quando observam ambientes com materiais que consideram '*lixo religioso*', reagem a partir da imagem que criam, bastante distorcida, por vezes, do real significado das oferendas que, afinal, é a interação com as forças da natureza.

Assim, torna-se importante o debate dentro dos terreiros sobre o preconceito manifesto, ou velado, em relação à cultura afro brasileira, resultante das questões históricas, mas também, devido a ações que geram impacto na sociedade e ao meio ambiente, visando a redução das problemáticas geradas pelas práticas religiosas.



Vamos resgatar os costumes de nossos ancestrais que utilizavam velas de gordura animal, de sebo, que não agridem a natureza. Atenção!

Material	Tempo de decomposição	Matéria prima Animal/vegetal/mineral
Borracha	indeterminado	Vegetal Látex / árvore seringueira
Cerâmica/louça/porcelana	indeterminado	Argila, lama ou barro, rochas.
Couro	Cerca de 50 anos	animal
Embalagem plástica PET/sacos/sacolas/utensílios	Mais de 100 anos	petróleo
Filtro de cigarro	Cerca de 05 anos	Árvores, fibra de vidro.
Madeira pintada	Cerca de 15 anos	árvores
Materiais sintéticos Nylon/isopor/tecidos	Mais de 100 anos	petróleo
Metais Aço/alumínio/ferro	Mais de 100 anos	rochas
Pano	Cerca de 01 ano	Vegetal - algodão
Papel/papelão	Cerca de 06 meses	árvores
Vidro/espelho	indeterminado	Areia, rochas.

A Divindade deve sempre receber de nós o que há de mais alegre,
saudável e bonito.



Que aprendamos com as
águas, com as montanhas,
com as árvores, com as flores,
com os animais, a nos
comprometer com o essencial.



Que aprendamos a ver, a sentir,
a ouvir com a alma, para que
nossas vidas sejam repletas de
sabedoria e trabalho e, assim,
receberemos abundância,
reciprocidade e amor.

O SAGRADO é traço marcante nas mais diversas religiões, tendo relação direta com a vida e com a grande força que a rege. Sua propagação cultural segue retratada, ao longo da história, através de celebrações relacionadas à natureza comemorando, por exemplo, a colheita, produto do conjunto de energias que conspiravam entre si, brotando da terra, alimentando o povo. Enquanto sociedade, independente de religião, a desarmonia se formou quando o ser humano começou a querer dominar a natureza e a exercer poder sobre sua espécie, desordenando a ordem natural do meio. Advêm daí a produção de relações conflitantes gerados dos impactos socioambientais. Esta é a grande e necessária reflexão em toda a sociedade, sobretudo através das lideranças, religiosas ou não.



Não estamos acima da natureza, somos parte dela, dependemos dela e com ela devemos conviver harmonicamente.

Uma lenda da mitologia africana nos resume este ensinamento.

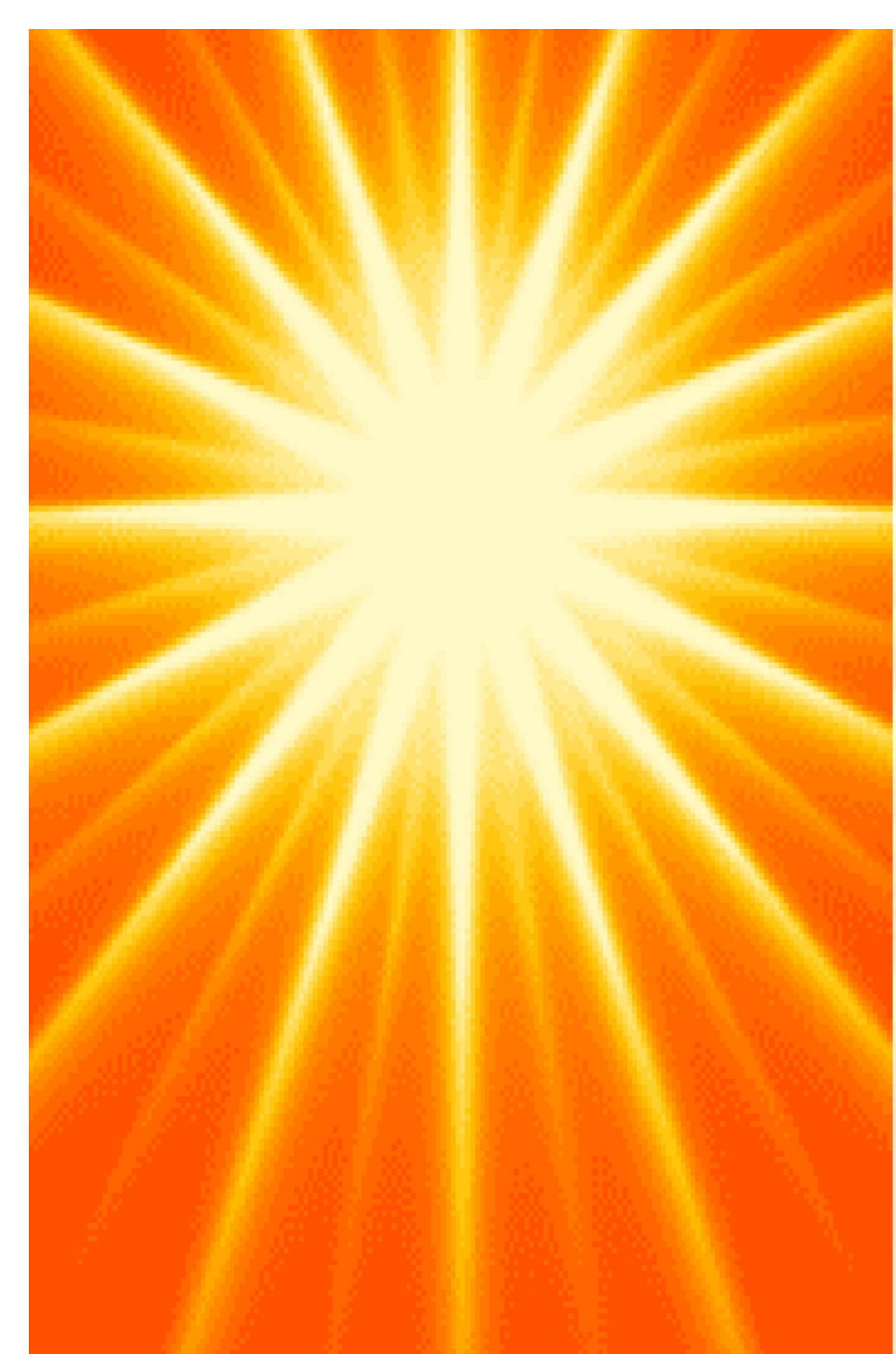
Onilé era a filha mais recatada e discreta de Olorum.

Vivia trancada em casa e quase ninguém a via. Quase nem se sabia de sua existência.

Quando os orixás seus irmãos se reuniam no palácio para as grandes audiências em que Olorum comunicava suas decisões, Onilé fazia um buraco no chão e se escondia, sabia que as reuniões sempre terminavam em festa, com muita música e dança ao ritmo dos atabaques.

Onilé preferia permanecer no útero de Gaia.





Um dia o pai maior mandou os seus arautos avisarem: haveria uma grande reunião no palácio e os orixás deviam comparecer ricamente vestidos, pois ele iria distribuir entre os filhos as riquezas do mundo e depois haveria muita comida, música e dança. Por todo os lugares os mensageiros gritaram esta ordem e todos se prepararam com esmero para o grande acontecimento.

Quando chegou por fim o grande dia, cada orixá dirigiu-se ao palácio na maior ostentação, cada um mais belamente vestido que o outro, pois este era o desejo de Olorum.

IEMANJÁ

**chegou vestida com
a espuma do mar,**

**os braços ornados
de pulseiras de algas
marinhas,**

**a cabeça cingida por
um diadema de
corais e pérolas,**

**o pescoço
emoldurado por uma
cascata de
madrepérola.**



OXÓSSI escolheu
uma túnica de
ramos macios,
enfeitada de peles
e plumas
dos mais exóticos
animais.



**OSSAIM
vestiu-se
com um manto
de folhas
perfumadas.**



OGUM

**preferiu uma
couraça de aço**

brilhante,

**enfeitada com
tenras**

folhas de palmeira.



OXUM
escolheu
cobrir-se de
ouro,
trazendo nos
cabelos as
águas verdes
dos rios.





As roupas de OXUMARÊ
mostravam todas as cores
trazendo nas mãos

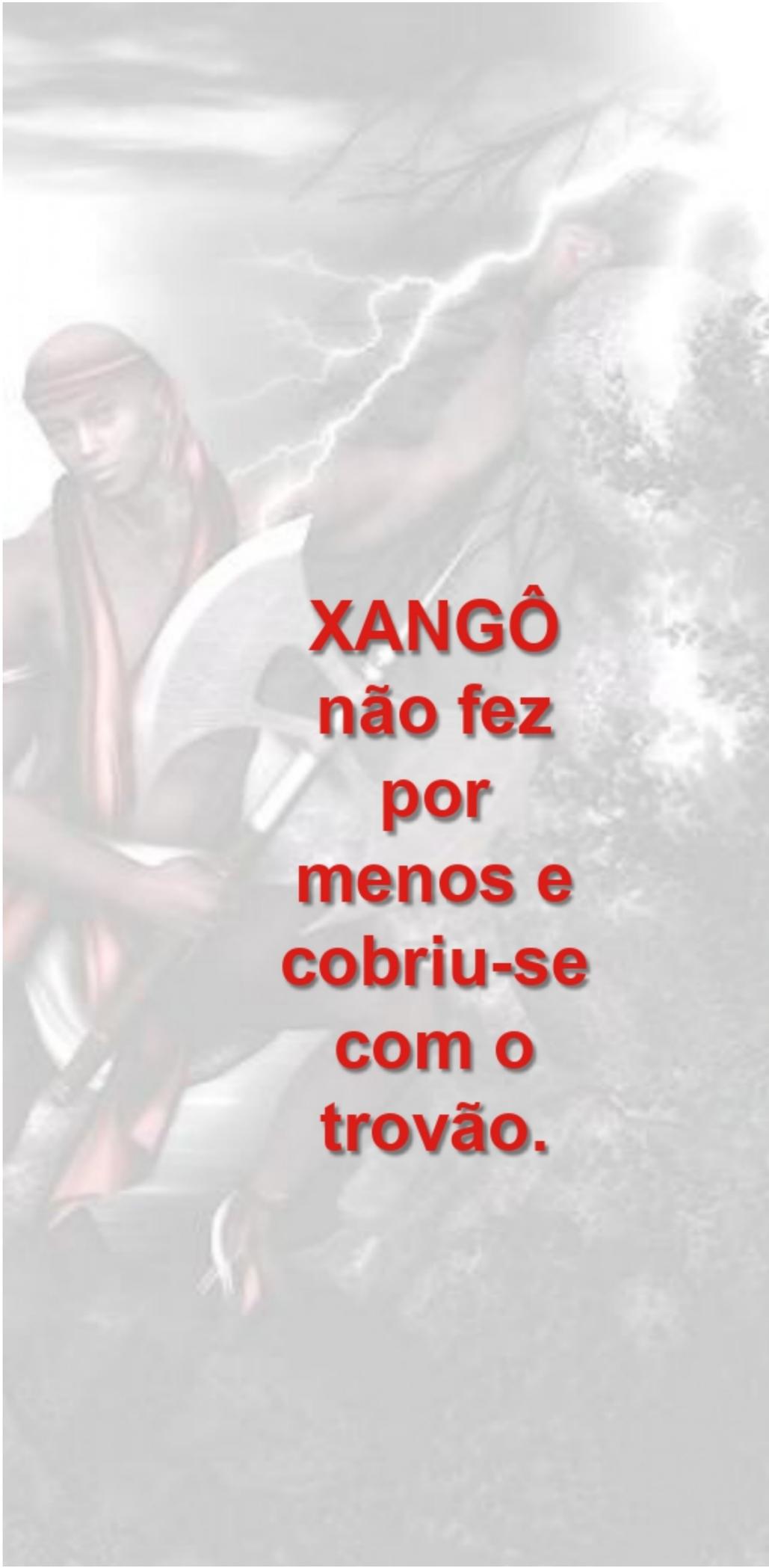
os pingos
frescos da chuva.

IAN SÃ
escolheu
para vestir-se
um sibilante
vento

e

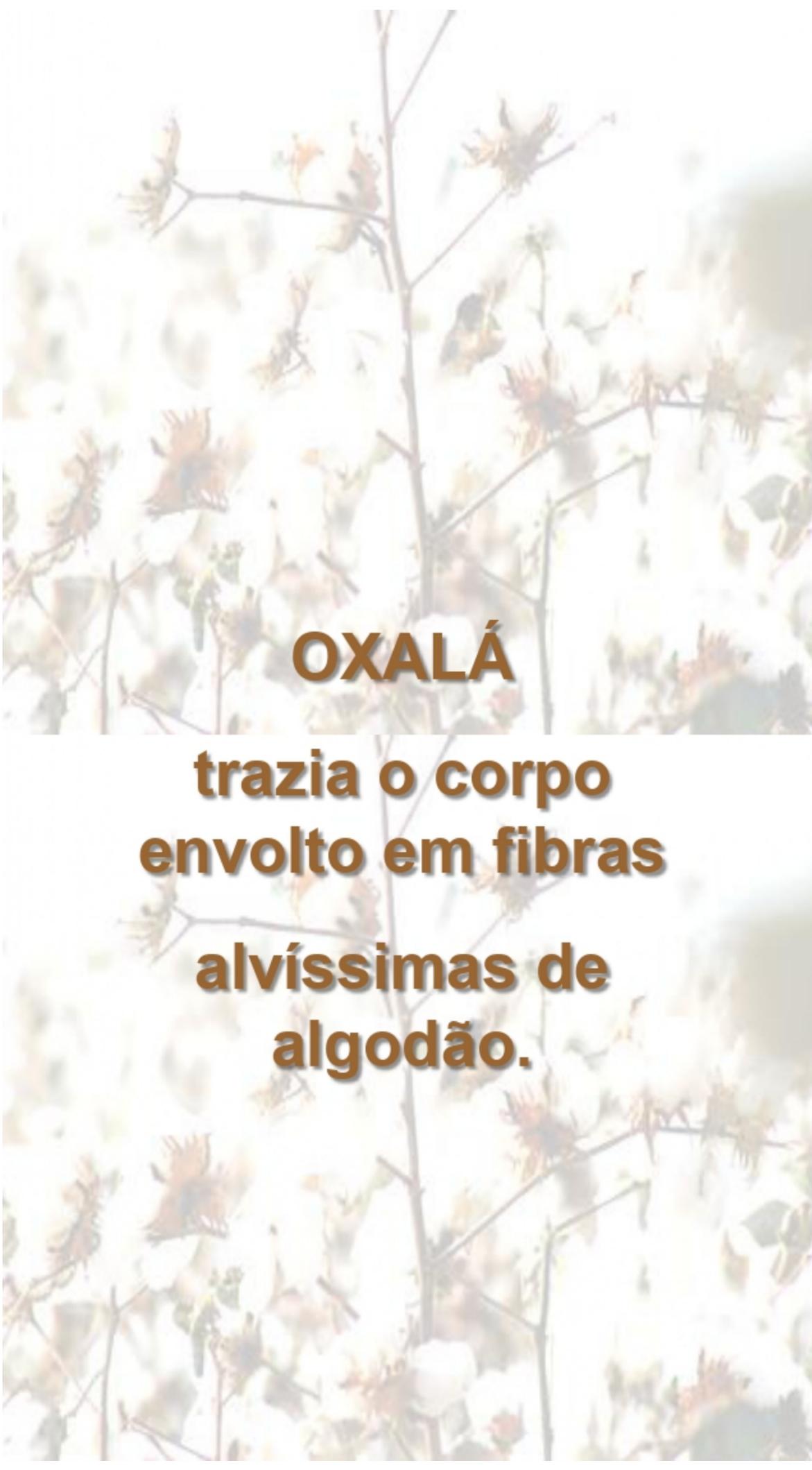
adornou os
cabelos com
raios que
colheu da
tempestade.





**XANGÔ
não fez
por
menos e
cobriu-se
com o
trovão.**





OXALÁ

**trazia o corpo
envolto em fibras
alvíssimas de
algodão.**



E assim por diante. Não houve quem não usasse toda a criatividade para apresentar-se ao Grande Pai com a roupa mais bonita.

Nunca se vira antes tanta ostentação, tanta beleza, tanto luxo.

Cada Orixá que chegava ao palácio de Olorum provocava um clamor de admiração, que se ouvia por todas as terras existentes.



Os orixás encantaram o mundo com suas vestes.

Menos Onilé.

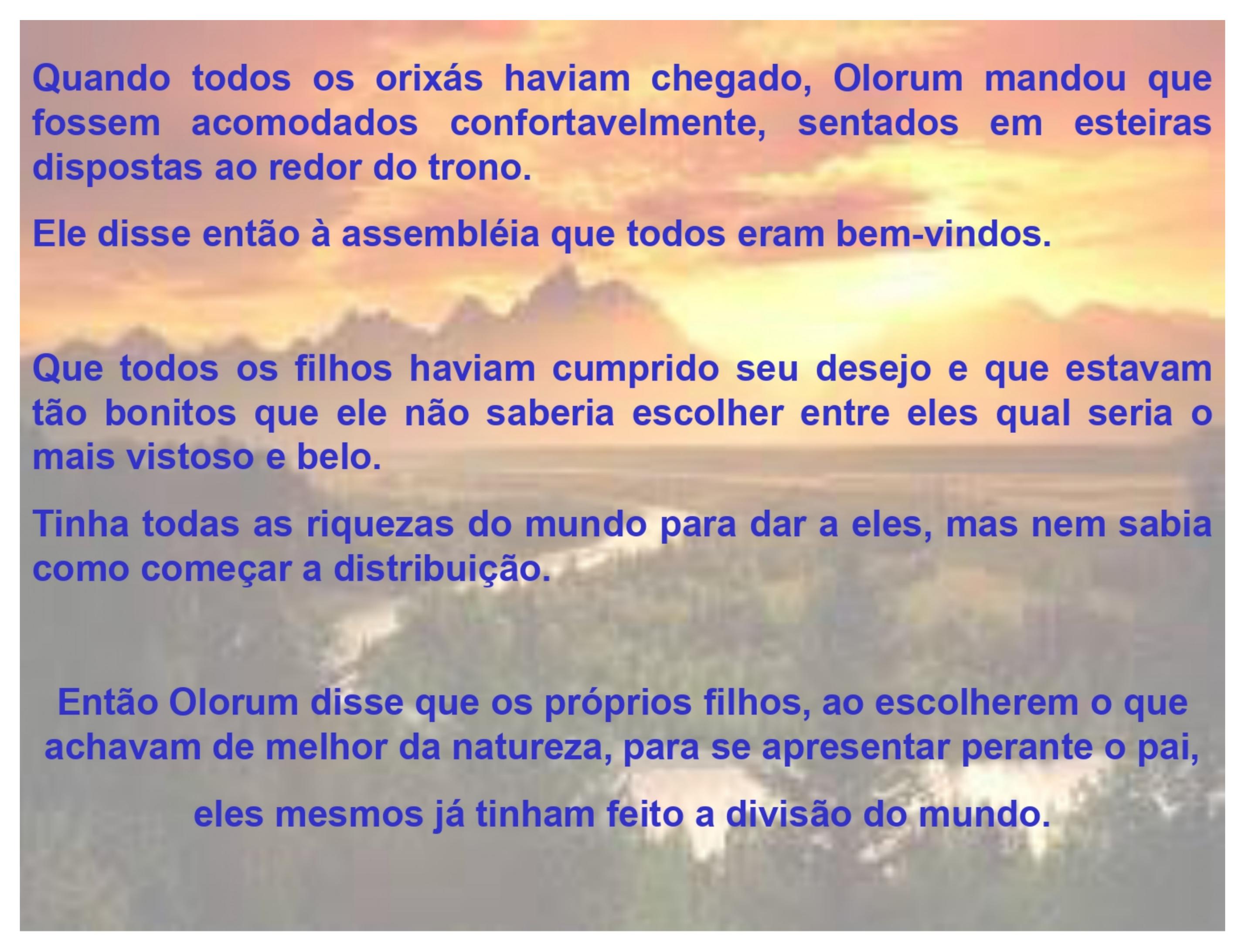
Onilé não se preocupou em vestir-se bem.

Onilé não se interessou por nada.

Onilé não se mostrou para ninguém.

Onilé recolheu-se a uma funda cova que cavou no chão.





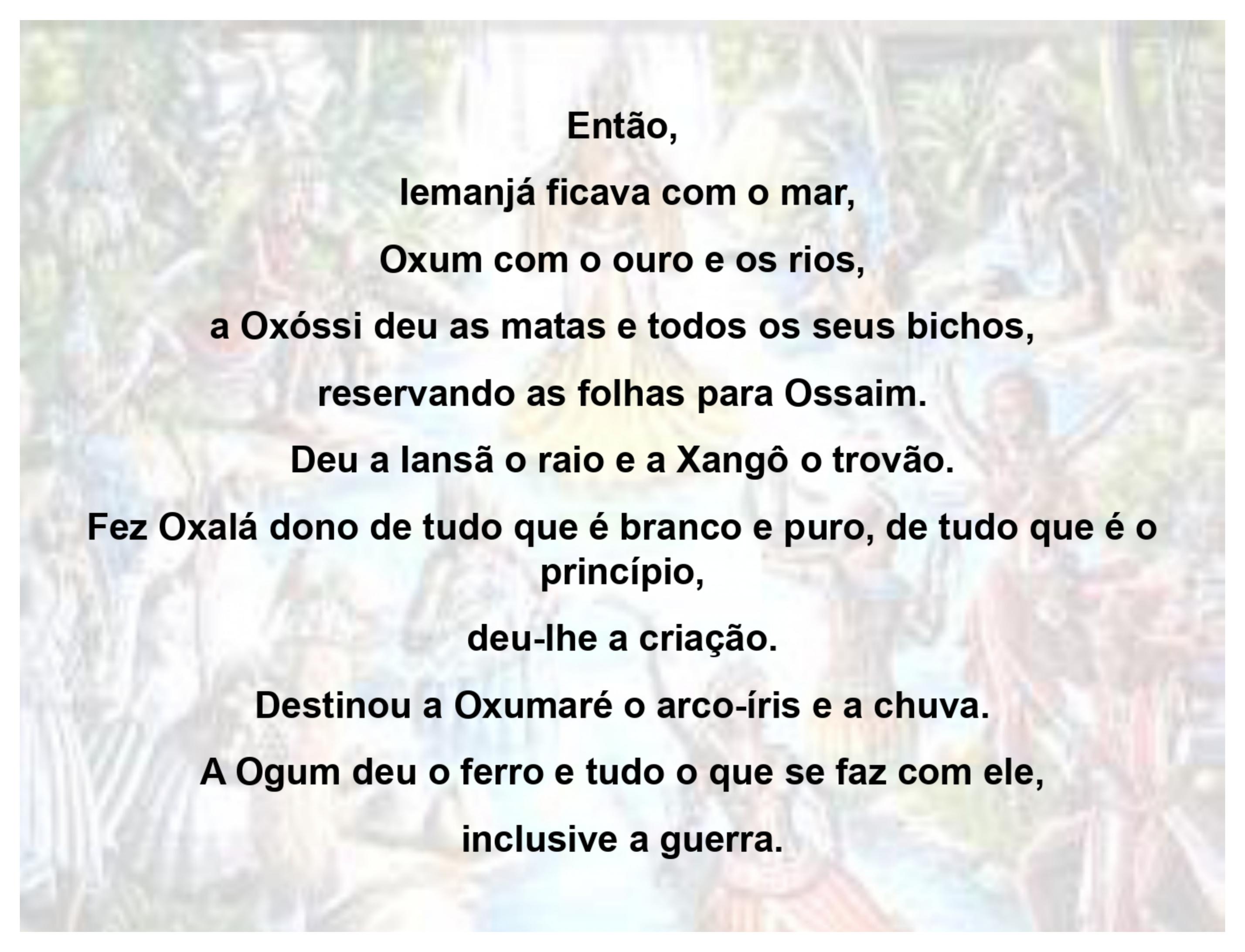
Quando todos os orixás haviam chegado, Olorum mandou que fossem acomodados confortavelmente, sentados em esteiras dispostas ao redor do trono.

Ele disse então à assembléia que todos eram bem-vindos.

Que todos os filhos haviam cumprido seu desejo e que estavam tão bonitos que ele não saberia escolher entre eles qual seria o mais vistoso e belo.

Tinha todas as riquezas do mundo para dar a eles, mas nem sabia como começar a distribuição.

Então Olorum disse que os próprios filhos, ao escolherem o que achavam de melhor da natureza, para se apresentar perante o pai, eles mesmos já tinham feito a divisão do mundo.



**Então,
Iemanjá ficava com o mar,
Oxum com o ouro e os rios,
a Oxóssi deu as matas e todos os seus bichos,
reservando as folhas para Ossaim.
Deu a Iansã o raio e a Xangô o trovão.
Fez Oxalá dono de tudo que é branco e puro, de tudo que é o
princípio,
deu-lhe a criação.
Destinou a Oxumaré o arco-íris e a chuva.
A Ogum deu o ferro e tudo o que se faz com ele,
inclusive a guerra.**



**Deu a cada Orixá um pedaço do mundo,
uma parte da natureza, um governo particular.**

Dividiu de acordo com o gosto de cada um.

Assim,

sempre que um humano tivesse alguma necessidade relacionada com uma daquelas partes da natureza, deveria pagar uma prenda ao Orixá que a possuísse.

Pagaria em oferendas de comida, bebida, perfume, flor ou outra coisa que fosse da predileção do Orixá. Os filhos de Olorum, que tudo ouviram em silêncio, começaram a gritar e a dançar de alegria, fazendo um grande alarido na corte.



Olorum pediu silêncio, ainda não havia terminado. Disse que faltava ainda a mais importante das atribuições. Que era preciso dar a um dos filhos o governo da Terra, o mundo no qual os humanos viviam, onde produziam para viver e tudo aquilo que deveriam ofertar aos orixás.

Disse que dava a Terra a quem se vestia da própria Terra.

Quem seria? perguntavam-se todos?

"Onilé", respondeu Olorum.

"Ilé?" todos se espantaram. Como, se ela nem sequer viera à grande reunião?

Nenhum dos presentes a vira até então.

Nenhum sequer notara sua ausência.



"Pois Onilé está entre nós", disse Olorum e mandou que todos olhassem no fundo da cova, onde se abrigava, vestida de terra, a discreta e recatada filha.

Ali estava Onilé, em sua roupa de terra.

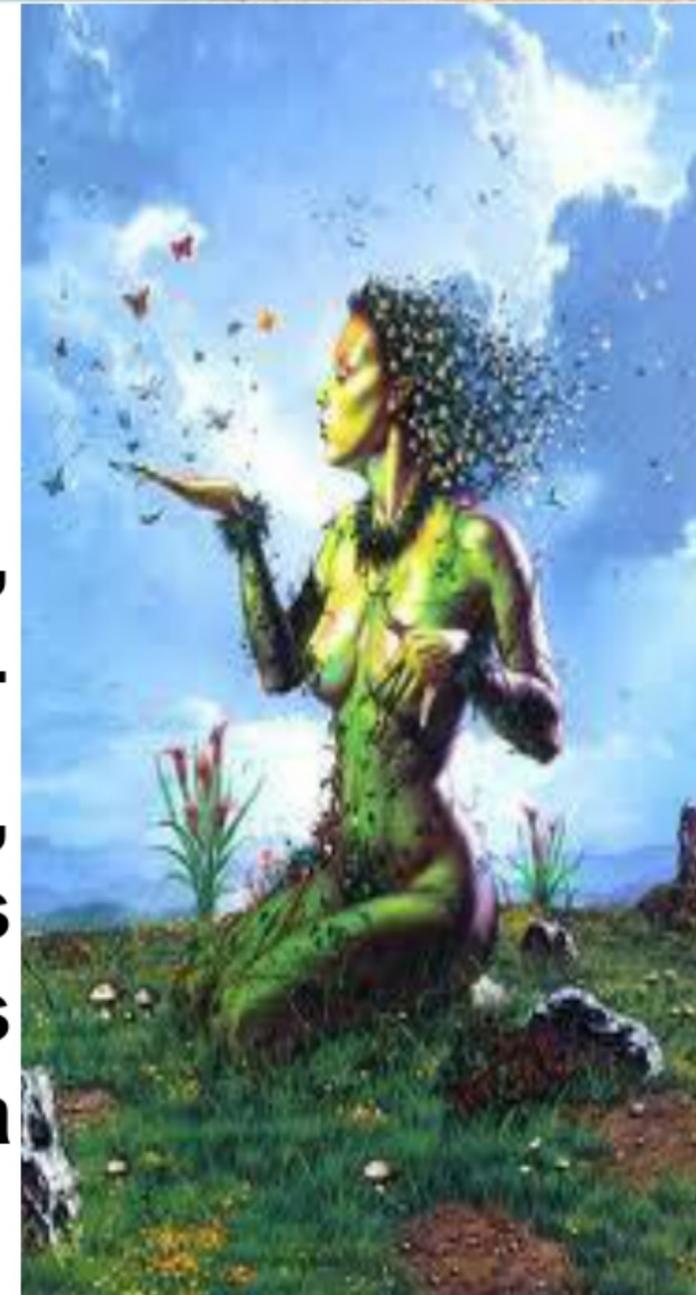
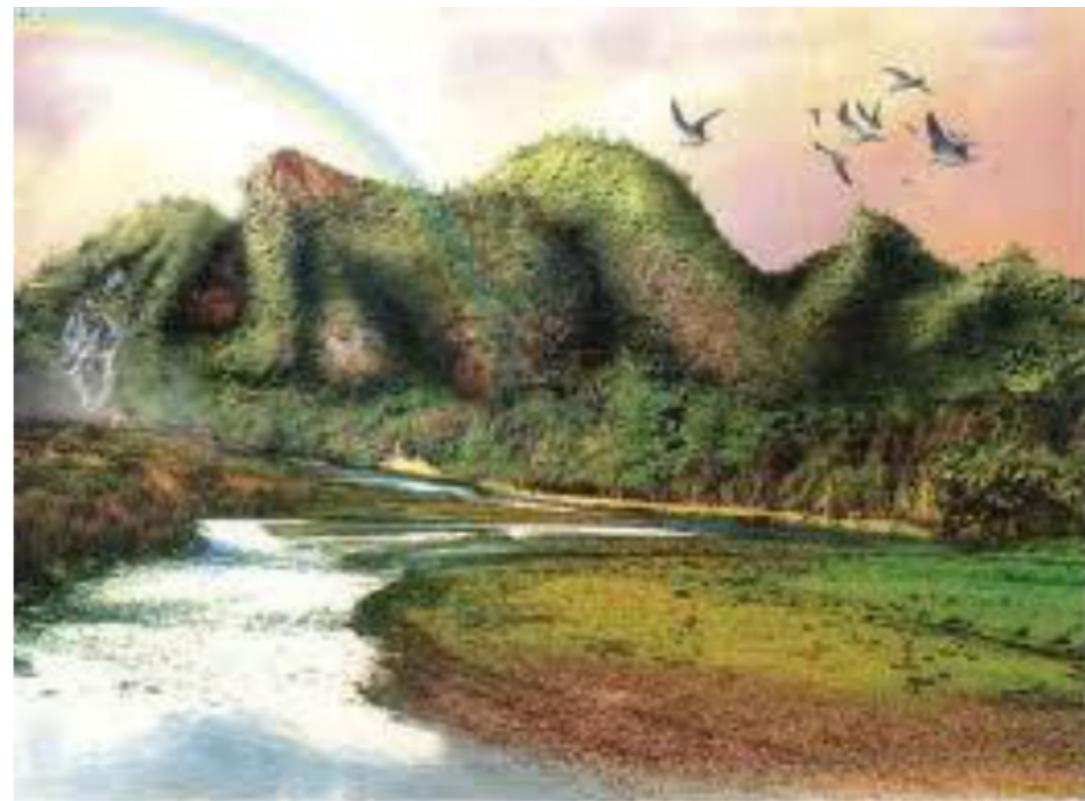
Onilé, a que também foi chamada de *ILÊ, a casa, o planeta.*

Olorum determina para cada um que habita a Terra que pague tributo a Onilé, pois ela era a mãe de todos, o abrigo, a casa.

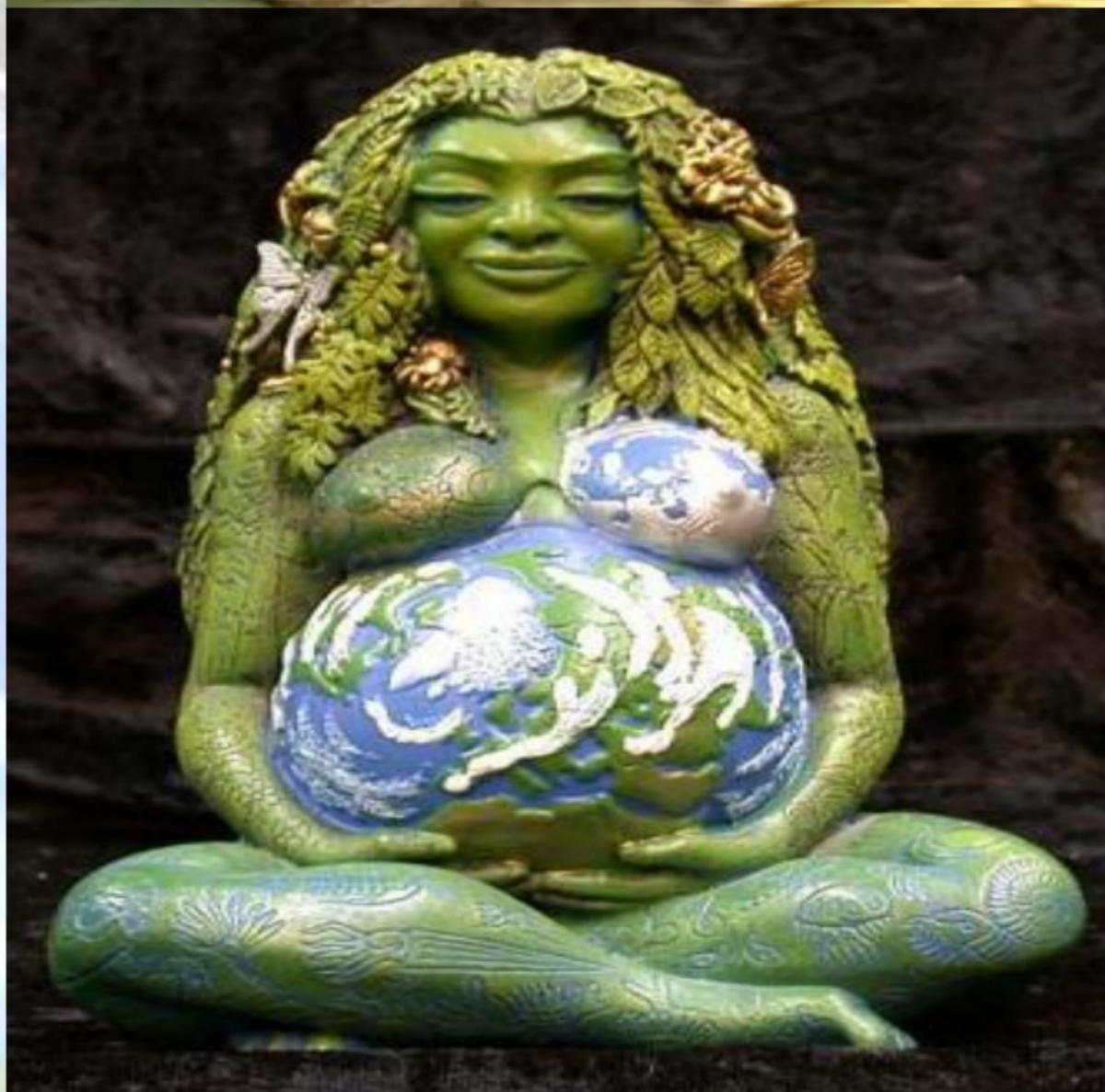
A humanidade não sobrevive sem Onilé. Afinal, onde ficava cada uma das riquezas que Olorum partilhara entre os filhos orixás? "Tudo está na Terra", disse.

"O mar e os rios, o ferro e o ouro, os animais e as plantas, tudo", continuou.

"Até mesmo o ar e o vento, a chuva e o arco-íris, tudo existe porque a Terra existe, assim como as coisas criadas para controlar os homens e os outros seres vivos que habitam o planeta, como a vida, a saúde, a doença e mesmo a morte".



Pois então, que cada um pagasse tributo a Onilé, foi a sentença final de Olorum.



Onilé,

Orixá da Terra,

**receberia mais presentes
que os outros, pois deveria
receber oferendas dos vivos
e dos mortos,**

**pois na Terra também
repousam os corpos dos
que ali não mais vivem.**

**Tudo vem da terra
e a ela retorna.**

The image features two hands, one light-skinned and one dark-skinned, positioned to hold a small globe of the Earth. The hands are cupped together, with the thumbs and index fingers meeting at the top and bottom, framing the globe. The globe is depicted with realistic colors of blue oceans and green continents. The background is a soft, ethereal glow with vertical bands of purple, white, and blue. The overall composition is centered and balanced, conveying a sense of global unity and environmental stewardship.

**Onilé,
Ile,
a Terra,
deveria ser
propiciada
sempre,**

**para que
o mundo
dos humanos
nunca
fosse
destruído.**

**Todos os presentes
aplaudiram as palavras de
Olorum.**

**Todos os orixás aclamaram
Ilé.**

**Todos os humanos receberam
a graça de manter a vida
advinda da mãe Terra.**



**E então Olorum retirou-se
deste mundo para sempre, e
foi para Aruanda, deixou o
governo de cada reino por
conta de seus filhos Orixás,
e nas mãos dos humanos
para usufruir e cuidar.**



Assim, recebemos de Olorum o Mundo e somos seus cuidadores, enquanto cidadãos, enquanto religiosos. Portanto a realização de rituais e cerimônias de forma harmônica na natureza, de forma consciente e com o mínimo de impacto, com respeito, proteção e preservação, são valores sagrados e faz com que cheguemos a uma total integração com a força do AXÉ.

A Constituição Federal no artigo 5º garante *‘o direito de seguimento de ritual religioso e a proteção aos locais de culto e a suas liturgias, não sendo privado de direitos por motivo de crença religiosa..., salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta...’.*

Conhecedores de nossos direitos constitucionais como, também, os deveres contidos na legislação ambiental, saudemos os Orixás com saberes tradicionais, pois eles são a própria natureza. Ela pede socorro, e bem perto de cada um de nós. Vamos promover e participar de campanhas de sensibilização. A crise socioambiental espelha o descompasso o qual nos encontramos e o ambiente reflete a forma como cuidamos dele em todos os seus aspectos.

O seguimento dos debates sobre as práticas das oferendas afroumbandistas junto à natureza, criticadas e ridicularizadas pela não compreensão de boa parte da sociedade, mas, também, pela forma nada positiva realizada por alguns praticantes, movimentou a FAUERS a lançar o 3º volume da Cartilha pela Natureza – **Oferenda Ecológica: essa eu apoio!** Buscamos atualizar informações sobre o melhor uso de materiais visando a diminuição de resíduos e problemáticas, divulgando a forma como a Federação vem contribuindo através de seus movimentos social, ambiental e religioso e reafirmando a magia das energias que estão entre nós, na natureza, que requer a necessária convivência harmoniosa entre tudo e todos.





A oferenda é prática milenar, reverência a vida inspirada nas forças da natureza para pedir e agradecer. Como manifestação do respeito religioso, ecológico e social, praticando a fé com responsabilidade, a FAUERS convida a todos para a realização de oferendas ecológicas, pois *a Natureza é o altar de todos nós* - e sem a qual não há sentido na vida.

O equilíbrio e a harmonia que encontramos na natureza, nos ensina que é possível, e necessário, buscar conviver com tudo e entre todos sem descuidar da preservação. Vamos descartar a prática de poluir nossa natureza, nosso espaço sagrado.



Os verdadeiros praticantes das religiões são conscientes em relação à preservação da natureza, do meio, pois no fundamento está o respeito pelo sagrado da vida. O que é depositado nas oferendas é do fundamento de cada religioso, porém o excessivo lançamento de resíduos na natureza passa a impactar e a prejudicar a todos quando gera lixo e causa riscos à saúde.



Deixar resíduos na natureza
tratando o ambiente assim,
é religião?



Sabemos que a prática afroumbandista da oferenda não representa o principal impacto sofrido pela natureza, porém há distorções que contribuem com o problema, e devem ser combatidas para a preservação dos reinos dos Orixás e dos seres que os representam. A utilização de plásticos, cordões, madeira, isopor, vidros, tecidos, são prejudiciais causando poluição e degradação ambiental.



No intuito de orientar e sensibilizar, descrevemos na tabela abaixo o tempo que levam para se decompor os resíduos mais encontrados nas oferendas deixadas na natureza.

Materiais utilizados	Tempo de decomposição
VIDRO	TEMPO INDETERMINADO
CERÂMICA/LOUÇAS	TEMPO INDETERMINADO
ISOPOR	TEMPO INDETERMINADO
PLÁSTICO	200 A 450 ANOS
ALUMÍNIO	100 A 500 ANOS
CIGARRO	2 A 5 ANOS
NYLON	30 A 40 ANOS
MADEIRA PINTADA	13 ANOS
TECIDO/CORDÃO	1 ANO
PAPEL	1 A 4 MESES
JORNAL	2 A 6 SEMANAS



Por isso a FAUERS vem orientando e incentivando para a utilização de materiais biodegradáveis na composição das oferendas reduzindo os danos ao ambiente e mantendo a força do Axé. Aqui um exemplo: barcos de papel e goma a serem ofertados nas praias, confeccionados por pessoas em situação de prisão.



O movimento é social e educativo, envolve oficinas ecológicas na comunidade com distribuição de cartilhas em épocas de festas de Iemanjá e Oxum.



Barco ecológico 2015 – jornal, goma e papelão



Iemanjá de papel machê
Acabamentos e pintura



Fauersito e a Diretoria da FAUERS informam como fazer o barco ecológico:



**Barco tamanho 2m20cm x 50cm -
Material: Papelão, goma (farinha de trigo, água e vinagre), jornal, papel crepom e tinta guache.**

1. Construção: Cole jornal no papelão fortalecendo o material até ficar com consistência de madeira. Levante os lados, a proa e a popa e coloque para secar ao sol. Recorte o necessário dando forma ao barco e passe a revestir de cola e jornal por dentro e por fora, retornando ao sol para secar.

2. Decoração: após a secagem realizar a pintura com tinta guache e decorar com papel crepom. Cordas são feitas com crepom enrolado e cola, e o mastro com jornal enrolado e cola que ficam firmes para o uso.





A FAUERS oferece oficinas gratuitas de confecção de materiais alternativos visando informar e orientar religiosos e simpatizantes no culto e prestação de homenagens com consciência ambiental e sustentabilidade. O convite é para que seja realizada uma triagem dos presentes entregues nos Reinos dos Orixás não utilizando o que é prejudicial ao meio ambiente. Utilizando materiais que se dissolvam na água os barcos sugeridos mantêm as praias livres de restos de madeira, pregos, plásticos ou isopor, que agridem o ambiente aquático e que podem se tornar perigosos para os banhistas e para a fauna.

O movimento é ambiental a medida que contribui para o cuidado com o meio e se utiliza de materiais orgânicos, reciclados e inofensivos. Todo o alimento utilizado no ritual religioso é distribuído aos participantes e os resíduos são adequadamente descartados. O propósito da oferenda é dar o presente, portanto, podemos oferecer as frutas e doces para as pessoas, os brinquedos para as crianças, e segue com o barco somente o líquido do perfume, ou da bebida, e as flores, sem talos e espinhos, embelezando a orla com as pétalas para as Mães Iemanjá e Oxum.





Há mais imagens e informações que podem ser encontradas nas redes sociais da FAUERS como em seu blog *Religiosidade, Cultura e Meio Ambiente*, no marcador ***Praia Limpa para lemanjá.***

<http://fauers.blogspot.com.br>

Por todo o Brasil já se noticiam práticas da oferenda ecológica. É um movimento que está acontecendo de forma cuidadosa e gradual uma vez que envolve tradição com questões culturais, antropológicas e sociais, além da ambiental. As Comunidades Religiosas Afro Umbandistas, com informação e conhecimento sobre o que se passa, aliando ao seu saber ancestral, tem a fundamental liderança no repasse dos ensinamentos do cuidado com a natureza, o altar de todos nós. Cada vez mais tornam-se necessárias ações voltadas para a garantia do ambiente ecologicamente equilibrado, direito de toda sociedade conforme estabelecido na Constituição Federal, e todo o cidadão deve contribuir para o conjunto de condições, leis e direitos estabelecidos.





FAUERS

FEDERAÇÃO AFRO UMBANDISTA E
ESPIRITUALISTA DO RS



Religiosidade, Cultura e
Meio Ambiente



Realização

**FAUERS - Federação Afro-Umbandista e
Espiritualista do Rio Grande do Sul**

**Rua Fernando Abbot, 159 – Bairro Nossa Senhora das Graças -
Canoas / RS CEP: 92025-330**

Fone: 51-3472.3500

e-mail: presidente@fauers.com.br

site: www.fauers.com.br



Todas as imagens utilizadas na cartilha foram retiradas da Internet.

Organização: Maria Inês Pacheco